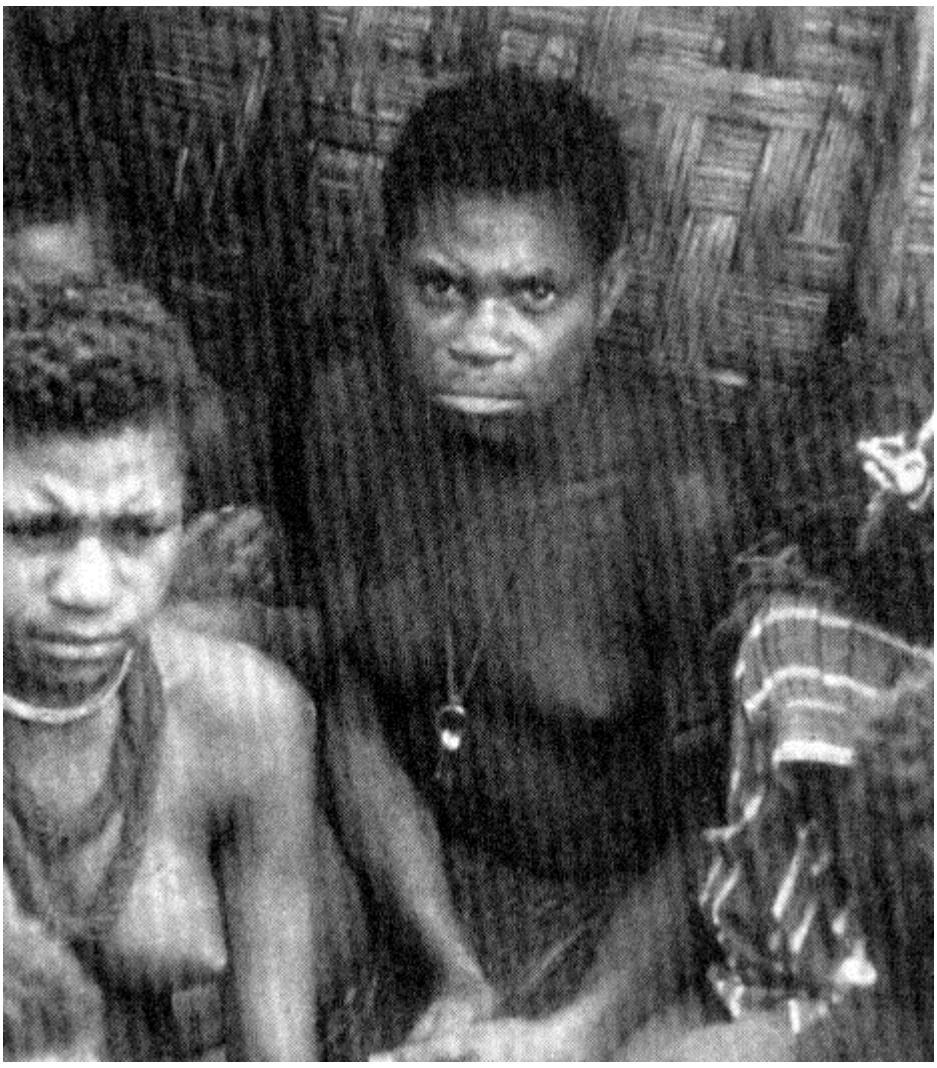
A LINGUAGEM UNIVERSAL DOS MÚSCULOS FACIAIS[1]



[1] Texto preparado por César Ades a partir de artigos de Paul Ekman. A foto desta página mostra uma mulher da tribo Fore, da Nova Guiné, que se irritou (embora não soubesse nada a respeito de máquinas fotográficas) ao ser fotografada por Ekman, talvez porque ele estivesse assim infringindo alguma regras de interação vigente na cultura Fore. O rosto dela transmite uma mensagem que nos parece clara apesar das diferenças culturais.

Será que os músculos da face falam em (qualquer) linguagem ? Será que as linhas sutis de uma expressão facial narram, no fundo, a mesma história em todo o mundo, na interação de membros de tribos da Nova Guiné com pouco contato com a cultura ocidental, de americanos, húngaros, brasileiros, japoneses, indianos, e outros ?

Darwin e a expressão das emoções

Darwin já respondia que sim e defendeu esta idéia num livro escrito há mais de 130 anos, *A expressão das emoções nos animais e no homem*. Ao invés de estudar o lado "mental" das emoções, como fariam psicólogos da época, dirigiu seu olhar naturalista, colecionador de detalhes, aos detalhes do movimento da face e do corpo. O livro, que era um dos primeiros a usar fotografias com finalidade científica, foi um verdadeiro best seller, na época de seu lançamento, em 1872, mas não teve impacto algum sobre a pesquisa. Levou quase um século para que a sua proposta fosse recuperada por Paul Ekman, um psicólogo que dedicou uma carreira inteira ao estudo de como a face espelha ou esconde a raiva, a tristeza, o nojo, a alegria, a surpresa, o medo, o desprezo e outras emoções. Ekman promoveu a reedição de *A expressão das emoções...* (Darwin, 1998) que ele considerava "um livro extraordinário, radical para o seu tempo e mesmo hoje" (Ekman, 2003, p. 1).

Darwin sugere, no primeiro capítulo de seu livro, as fontes nas quais foi buscar informação. Em sua maioria, ainda são válidas e constituem um programa para uma psicologia evolucionista da expressão emocional. Dentre elas, observar as crianças pois elas exibem muitas emoções com "força extraordinária", de uma maneira mais reveladora às vezes do que mais tarde na vida; usar fotos de expressões faciais para serem avaliadas, quanto à emoção transmitida ["várias dessas expressões eram reconhecidas de imediato por quase todo o mundo, embora não fossem

descritas exatamente nas mesmas palavras”]; buscar descrições de como manifestam emoção pessoas em outras culturas, de preferência não em contato com europeus [“sempre que os mesmos movimentos do rosto ou do corpo expressam as mesmas emoções nas diversas raças humanas, poderemos inferir com muita probabilidade que essas expressões são ... inatas ou instintivas”]; descrever as expressões que animais mais comuns exibem, “não evidentemente”, escreve Darwin, “para decidir o quanto no ser humano certas expressões são características de certos estados mentais, mas para obter a base mais segura para a generalização das causas, ou origens dos vários movimentos expressivos”. Darwin acreditava que as emoções não fossem exclusivas dos seres humanos. “Até as abelhas podem ficar com raiva, dizia Darwin.

Por que é que a expressão emocional seria comum a todos os seres humanos ? Segundo Darwin, isso decorre do fato de que todos os humanos pertencem à mesma espécie e usam os gestos e expressões faciais de uma forma que foi útil e adaptativa em sua história como espécie. Assim, segundo o princípio dos *hábitos úteis* (serviceable habits), comportamentos que tinham originalmente um uso concreto seriam retidos como sinais comunicativos. A expressão através da qual um cão expressa raiva e ameaça, levantando o lábio superior e descobrindo os dentes, teria se originado do ato de morder. Do mesmo jeito, talvez o jeito que temos de levantar o lábio e franzir a região do nariz, em sinal de nojo, tenha se originado de uma resposta direta a um estímulo externo provocador de ânsia (Figura 1).

De acordo com o princípio da *antítese* de Darwin, emoções ou disposições opostas tomam formam diversas e opostas de se expressar, como no caso das posturas agressiva e submissa ilustradas na Figura 2 (ambas, a Figura 1 e 2, extraídas do livro de Darwin), para que a mensagem seja melhor transmitida.

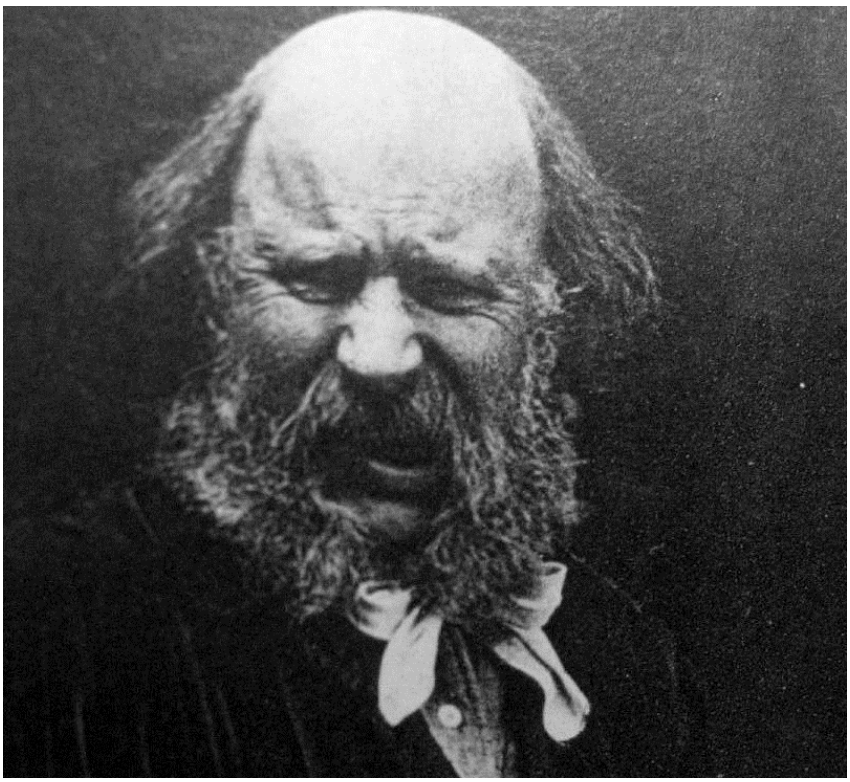


FIGURA 1. Homem expressando nojo. “Como a sensação de nojo é primariamente despertada em conexão com o ato de comer ou saborear, é natural que sua manifestação se dê principalmente mediante movimentos ao redor da boca. Mas como o nojo também cuasa mal-estar, ele geralmente se acompanha de um franzir do semblante e, muitas vezes por gestos como empurrar ou proteger-se do objeto que o provocou... o nojo moderado é demonstrado de diversas maneiras, abrindo-se a boca, como para deixar cair um pedaço desagradável de comida” (Darwin, 2000).

Darwin também nos legou informações interessantes sobre o desenvolvimento precoce da expressão emocional e de seu papel na

interação entre o bebê o o adulto, enfatizando a natureza espontânea, não-aprendida. Era mais um argumento a favor da concepção de um repertório emocional universal.

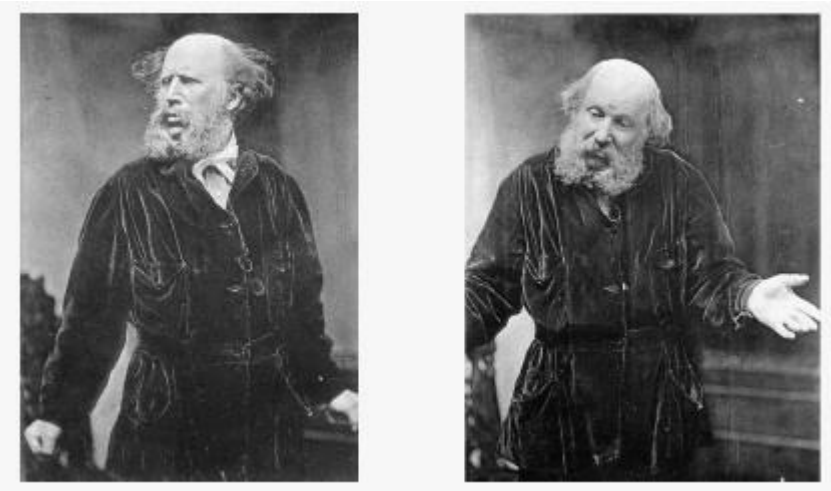


FIGURA 2. Posturas e expressões agressivas e dominantes (à esquerda) e submissas e conciliadoras (à direita).

“Fiz observações”, escreve ele, “com o meu primogênito, que não poderia ter aprendido nada em contato com outras crianças, e estava convencido de que ele compreendia um sorriso e tinha prazer em ver um, respondendo com outro sorriso, numa idade tenra demais para que pudesse ter aproveitado qualquer coisa a partir da experiência passada. Quando esta criança estava com quatro meses de idade, produzi diante dele muitos barulhos esquisitos e caretas estranhas, e tentei parece selvagem; mas o som, se não fosse muito intenso, assim como as caretas, eram tomadas por ele como piadas e isso eu atribui ao fato de terem sido precedidas por sorrisos.... Quando ele tinha seis meses e alguns dias, a sua babá fez de conta que estava chorando e eu vi sua face tomar imediatamente uma expressão de melancolia, os cantos da boca colocados muito para baixo.

Esta criança raramente poderia ter visto outra criança chorando, e nunca um adulto chorando; e eu duvido que, nesta idade, pudesse ter raciocinado a respeito do assunto" (p. 353-354).

Crítica 1: expressões e seu reconhecimento variam de cultura para cultura

Mas parece que uma posição universalista da expressão emocional não poderia dar conta da variabilidade de sinais expressivos, de uma cultura para outra. Gestos simbólicos variam como varia a linguagem. Tibetanos mostram a língua para simbolizar saudações amigáveis, e búlgaros fazem sinais de concordência movendo suas cabeças da direita para a esquerda ao invés de movê-las para cima e para baixo, como fazemos. Gregos podem dizer "não" sem sacudira a cabeça de lado a outro, mas levantando-a, apontando o queixo para a frente e emitindo o som seco "tchutt, tchutt".

Uma crítica forte à concepção darwiniana foi expressa pelo psicólogo social Otto Klineberg. Embora concedendo que alguns padrões de comportamento, como chorar, rir e tremer são universais, ele sustentou que as expressões de raiva, de medo, de nojo, de tristeza, etc. sofrem determinação cultural. Klineberg embasou sua posição em muitas observações etnográficas e também num estudo que mostrava que seres humanos eram incapazes de entender as expressões faciais de chimpanzés (Klineberg, 1940). Mais tarde, foi a vez do antropólogo Ray Birdwhistell (1970) defender a posição culturalista. Birdwhistell quis provar que as expressões do corpo e da face constituem uma linguagem em si (que ele denominou de cinésica, kinesics) tão simbólica e arbitrária quanto a linguagem. "Quando comecei a me interessar pelo estudo do movimento corporal, tinha certeza de que seria possível isolar uma série de expressões, posturas e movimentos que denotassem precisamente estados emocionais básicos... à medida que prosseguia a pesquisa... ficou claro que esta busca por universais levava sempre à influência da cultura... É muito

provável que não haja símbolos universais dos estados emocionais... [as expressões emocionais] devem ser aprendidas e padronizadas de acordo com a estrutura particular de sociedades particulares... Não somente verifiquei que muitos dos meus sujeitos sorriam no que parecia ser um ambiente positivo, mas alguns sorriam também num ambiente aversivo" (p. 126). O argumento de Birdwhistell, de que o sorriso pode ser dado em contextos diversos não é particularmente convincente; no seio da mesma cultura, sabemos que o sorriso varia de função e que há formas diversas de sorriso, algumas mais genuinamente associadas a circunstâncias agradáveis e outras não.

Contra-argumento : o julgamento de fotos em várias culturas

Quem trouxe elementos fortes a favor da posição de que a expressão emocional tem bases transculturais foi Paul Ekman, que, paradoxalmente, iniciou suas pesquisas a partir de uma atitude relativista. Darwin não podia ter razão ! Com seus colaboradores (Ekman, Sorenson e Friesen, 1969) , selecionou fotografias que representassem emoções básicas.

A seleção foi feita a partir de um conjunto de mais de 3000 fotos do acervo do psicólogo Tomkins, tomadas com adultos e crianças, com pessoas retardadas ou normais, posadas ou espontâneas, verificando-se se cada foto evidenciava os movimentos musculares que tinham sido postulados a priori por Ekman como definindo cada emoção. 30 fotos de 14 pessoas diferentes, representando seis amoções: alegria, tristeza, raiva, medo, surpresa e nojo foram selecionadas e apresentadas a estudantes universitários de cinco países: Estados Unidos, Japão, Brasil, Chile e Argentina[2] . O raciocínio era o seguinte: se as expressões faciais de emoção fossem construções culturais e se fossem únicas a cada cultura,

[2] É interessante notar que sujeitos brasileiros fizeram parte desta pesquisa histórica sobre o valor transcultural da expressão facial da emoção.

então as pessoas das cinco nacionalidades deveriam emitir julgamentos diferentes diante das fotos.

Uma amostra dos resultados da pesquisa está na Tabela 1, que indica a porcentagem das pessoas que julgaram que cada figura representasse uma expressão de alegria, de medo, etc.

TABELA 1. Porcentagem de indivíduos de diversas nacionalidades que categorizaram as fotos apresentadas como sendo expressões de alegria, medo, raiva, tristeza e nojo.

					
JAPÃO	87	71	63	82	74
BRASIL	97	77	82	86	82
CHILE	90	78	76	85	90
ARGENTINA	94	68	72	79	85
EUA	97	88	69	82	73
	ALEGRIA	**MEDO**	**RAIVA**	**NOJO**	**TRISTEZA**

A grande maioria dos observadores de cada nacionalidade quanto à emoção que cada figura expressava e os observadores das cinco nacionalidades também concordaram razoavelmente uns com os outros. O exame da Tabela 1 mostra que não houve consenso total: por exemplo,

63% dos estudantes japoneses classificaram a foto do menino com os lábios apertados (contendo a sua raiva) como sendo uma expressão de raiva contra 82% do estudantes brasileiros. É também relevante notar que os julgamentos não atingiram os 100% absolutos: deve haver um “ruído” na tarefa de julgar, que se deve a características particulares das fotos ou até à experiência passada dos sujeitos do experimento.

Também foi investigada, na mesma pesquisa, a intensidade como a qual cada participante avaliava a emoção expressa nas figuras usadas como estímulos, por exemplo: raiva leve, num polo de uma escala, até raiva extrema, no outro polo. Culturas diferentes possivelmente difiram na intensidade da emoção que permitem seja expressa. Se há graus diferentes, culturalmente determinados, na inibição da expressão emocional, então esperar-se-ia que houvesse diferenças inter-culturais na intensidade percebida das emoções. Não foi o caso, a intensidade emocional atribuída aos estímulos foi quase igual nas amostras das diversas nacionalidades, e poder-se-ia supor que não só a identificação das emoções é análoga de cultura para cultura, como também o reconhecimento da intensidade expressiva.

Os resultados da pesquisa de Ekman et al. (1969) e de outros usando a mesma metodologia, foram criticados por Russell (1994), entre outras coisas, sob a alegação de que as amostras de cada cultura eram pequenas, assim como o número de países examinados. Ekman responde a esta crítica a partir de um levantamento de pesquisas, feitas por seu grupo e por outros pesquisadores, abrangendo 21 países diferentes. Em todas estes estudos, os observadores de cada cultura que eram expostos às fotos selecionavam um termo de emoção dentro de uma lista curta de 6 a 10 termos, traduzidos, é claro, na sua própria língua. Alegria, raiva, medo, surpresa, nojo e tristeza eram as emoções focalizadas.

Escreve Ekman (1999): “Era extraordinário o nível de concordância a respeito de que emoção era representada por que foto, nos 21 países. Em

cada caso, a maioria – em cada uma das 21 culturas – concordava quanto às fotos que indicavam alegria, às que indicavam tristeza e às que indicavam nojo. No caso das expressões de surpresa, houve concordância da maioria em 20 dos 21 países, e, para o medo, em 19 dos 21 países. Nos 6 casos em que a maioria das pessoas não escolheu a mesma emoção que tinha sido escolhida nos outros paises, a resposta mais freqüente (embora não fosse a maioria) era a mesma que a escolhida pela maioria nos outros países. Nos meus estudos, que eram os únicos em que as expressões das fotos eram selecionadas a partir da medida dos movimentos músculares aparentes, todas as expressões eram atribuídas à mesma emoção pela maioria dos indivíduos em todas os países estudados... ”. Nunca uma expressão categorizada, por exemplo, como “medo” pela maioria dos indivíduos de uma cultura, era categorizada diferentemente, por exemplo como “tristeza”, pela maioria dos indivíduos em outras culturas.

Crítica 2: os participantes não escolhiam as suas próprias palavras para descrever as expressões.

No procedimento dos primeiros estudos transculturais, os participantes tinham de escolher o rótulo que mais lhes parecia convir a determinada foto a partir de uma lista de nomes de emoção (em sua própria língua). Fornecer uma lista de nomes de emoção não seria facilitar a concordância entre os participantes de diferentes culturas ? A lista fornecida poderia não ser extensa o suficiente para fornecer rótulos apropriados para uma ou outra foto. Uma crítica aos estudos de Ekman partia deste raciocínio e supunha que a concordância seria muito mais baixa (em apoio à hipótese culturalista) se se adotasse a metodologia alternativa em que os participantes pudessem descrever cada foto nos termos que quisessem.

Contra-argumento : lógico e empírico

Ekman deu a estas críticas duas respostas, uma lógica e a outra empírica. O argumento lógico: se palavras como medo, raiva, nojo e alegria não tivessem nenhuma relação com as expressões a serem categorizadas, se elas fizessem tanto sentido quanto sílabas sem sentido (como oto, nim, caz, etc.), então se esperaria que houvesse uma grande discrepância entre os indivíduos dentro de cada cultura, e, por conseguinte, entre as culturas. O que se verifica, na verdade, é o contrário disso: há concordância tanto dentro de cada cultura como entre culturas.

Mas o melhor contra-argumento seria, evidentemente, permitir às pessoas escolherem os seus próprios termos ao julgarem a emoção que acham existir em cada emoção e ver se os resultados são semelhantes. É exatamente o que fez Izard (1971) num de seus estudos: deixou que ingleses, franceses, gregos e norteamericanos dessem seu próprio rótulo para cada foto; e o que também fizeram Boucher e Carlson (1980) com um grupo aborígene na Malásia e Rosenberg e Ekman (1994) nos Estados Unidos. Em todos esses estudos, as palavras que as pessoas escolhiam para qualificar as expressões, eram muito semelhantes às palavras que, nos estudos anteriores, eram dadas de antemão: confirmava-se a hipótese da semelhança transcultural.

Crítica 3: a semelhança decorre de difusão cultural

A terceira crítica talvez seja mais contundente que as outras. Se baseia na possibilidade de que os contactos entre as culturas estudadas levem a uma homogeneização de atitudes e julgamentos, dada a exposição a informações comuns. Assim, as pessoas poderiam aprender as "expressões universais" a partir de programas de TV ou através de filmes com Angelina Jolie, Leonardo Di Caprio, Al Pacino ou Burt Reynolds. O próprio Birdwhistell é quem primeiro fez esta crítica, diretamente a Ekman, quando esse foi mostrar-lhe os resultados de suas pesquisas.

Contra-argumento: estudos com culturas isoladas

Para poder responder a esta terceira crítica, Ekman foi à Nova Guiné, em 1967, para estudar a cultura dos Fore do Sul. Estes povos estavam deveras isolados: a maioria dos indivíduos nunca, ou muito pouco, tinham visto estrangeiros, ainda usavam ferramentas de pedra, e nunca tinham visto uma fotografia, uma revista ou tinham tido contato com uma televisão. Ekman não podia evidentemente testá-los com o procedimento usado no caso das 21 culturas letradas, não fazia sentido dar-lhes uma lista de rótulos entre os quais escolher, uma vez que ainda não dispunham de linguagem escrita. Também era complicado e tedioso recorrer a um intérprete que fosse lendo os nomes de emoção, repetidamente, diante de cada foto. Ekman recorreu à técnica que um psicólogo, na década de 1930, tinha utilizado com crianças que ainda não liam nem escreviam: o intérprete lia uma pequena história, pedindo para o Fore apontar para a foto que mais se integrava na história[3]. As fotos eram de homens ou mulheres caucasianos exibindo expressões de felicidade, ou raiva, ou medo (um conjunto dentre outros se vê na Figura 3).

A história sobre o medo, por exemplo, era: “ela está sentada sozinha em sua casa e não há ninguém mais na aldeia, nenhuma faca, machado, ou arco e flecha na casa. Um porco selvagem está na porta e a mulher está olhando para ele e está com muito medo dele... o porco não se afasta da porta e ela tem medo que ele venha mordê-la”.

Ekman e seus colaboradores viajaram, levando latas de comida para ter algo de comer que fosse de sua própria cultura, de um vilarejo a outro da Nova Guiné, em lugares que tinham sido visitados muito raramente, alguns só por um cientista, Gajdusek e seu fotógrafo. Ekman tomou um cuidado

[3] Antes, Ekman tinha investigado, junto com o intérprete, as histórias mais apropriadas para serem usadas neste procedimento. Sem isso, poderiam os indígenas não ter entendido nada da tarefa !

especial para que os participantes não captassem dicas involuntárias sobre a foto a ser escolhida. As fotos eram apresentadas sem que o experimentador pudesse vê-la, identificadas por números no verso

Em pouco mais de algumas semanas, a equipe entrou em contato com mais de 300 pessoas, todas muito contentes de participar e curiosas com toda a novidade.



FIGURA 3. Isolados da cultura ocidental, os Fores da Nova Guiné eram capazes de emparelhar estas fotos com as histórias apropriadas: medo [“ela está com medo de o porco selvagem mordê-la”], alegria [“seus amigos chegaram e ela está feliz”], raiva [“ela está com raiva e vai brigar”].

Não houve diferença significativa entre homens e mulheres, nem entre os poucos que tinham tido algum contato com a cultura ocidental e a maioria que não tinha tido contato. Os resultados foram significativos para a alegria, a raiva, o nojo e a tristeza: os Fore identificavam perfeitamente as expressões corespondentes. Foi curioso que não houvesse discriminação, de sua parte, entre as faces de surpresa e as faces de medo. Quando alguém ouvia uma história de medo podia designar tanto a face de medo como a de surpresa. O mesmo acontecia com a história da surpresa. “Até hoje”, escreve Ekman, “não sei por que medo e surpresa não eram distinguidos. Poderia ser porque as histórias tinham algum problema ou

porque, nesta cultura, as duas emoções eram freqüentemente associadas, a ponto de não serem discriminadas. Em culturas literatas, há sempre distinção entre medo e surpresa".

Um segundo experimento, simétrico ao primeiro, foi feito com os Fores. Um dos intérpretes lia uma das histórias e pedia à pessoa que mostrasse como seria a sua face se ela fosse o personagem central da história (pedia-se que interpretasse as emoções). As expressões interpretadas eram gravadas em videotape (Figura 4) e mostradas a estudantes norteamericanos. Novamente, a hipótese: se as expressões fossem típicas da cultura, os estudantes não deveriam ser capazes de descodificá-las. Verificou-se que, ao contrário, distinguiam perfeitamente as faces dos Fores, menos o par surpresa/medo no qual prevalecia a mesma indistinção que os indivíduos da Nova Guiné tinham demonstrado em relação às fotos



caucasianas correspondentes.

FIGURA 4. Quadros de videotape de indivíduos Fore da Nova Guiné adotando expressões faciais diante dos seguintes roteiros propostos: [à esquerda, em cima] "o seu amigo chegou e você está alegre"; [à direita, em cima] "seu filho morreu"; [à direita, embaixo] "você está com raiva e pronto para brigar", (à direita, embaixo]

> “você vê um porco morto que está aí estendido há muito tempo”.

Ekman apresentou estes resultados ao congresso nacional de antropologia, dos Estados Unidos, em 1969. Muitos dos antropólogos presentes não se mostraram muito felizes com as conclusões : eram firmemente convencidos de que tudo, no comportamento humano, era produto da experiência, não de uma propensão natural e as suas dúvidas levaram Ekman a patrocinar mais um estudo, realizado por Karl Heider, um antropólogo e Eleanor Rosch, uma psicóloga. Estes pesquisadores acabavam de voltar de Irian, na Indonésia, depois de alguns anos de permanência entre os Danis, um grupo isolado que até muito recentemente, usava ferramentas de pedra e resistia ao contato com a civilização externa. Os Danis sequer tinham palavras, em seu vocabulário, para designar emoções. Heider e Rosch pensavam que dificilmente reconheceriam as diferenças entre faces ocidentais mas se deixaram convencer por Ekman e replicaram o seu estudo. Os resultados mostraram que, apesar da ausência de nomes de emoção, os Danis eram perfeitamente capazes de reconhecer expressões caucasianas. Demonstravam, contudo, a mesma falta de discriminação entre medo e surpresa !

O caso do Danis é interessante: sugere que os nomes de emoção não sejam essenciais na percepção – concreta, interacional – das emoções. Ninguém sabe exatamente a mensagem que cada um de nós recebe, automaticamente, quando vê a expressão facial de outra pessoa. Talvez esta mensagem não inclua nomes como raiva ou medo, palavras que são usadas quando nos *referimos* às emoções. Talvez a informação seja semelhante às histórias que Ekman contava aos Fores: não um nome abstrato, mas alguma idéia de como a pessoa em questão irá reagir ou o que a fez sentir-se desse jeito.

Crítica 4: a diferença entre expressões posadas e expressões espontâneas

Margaret Mead, a antropóloga conhecida pelos seus estudos sobre o pessoal de Samoa, disse uma vez a Ekman que talvez as expressões posadas é que seria universais, não as espontâneas. Gestos posados poderiam ser uma linguagem não-verbal convencional que nada teria a ver com emoções.

Mesmo concordando com a idéia de que caras posadas não são necessariamente idênticas, no detalhe, às espontâneas que as pessoas exibem, sobra a questão de saber porque pessoas na Nova Guiné e em New Hampshire nos Estados Unidos aprendem as mesmas poses... Mas há também contra-argumentos.

Contra-argumento : a semelhança entre culturas nas expressões espontâneas

Há uma crença ocidental de que os japoneses são inescrutáveis. Numa perspectiva darwinista, universalista, isto poderia apenas significar que os japoneses são menos propensos a expressar *em público* suas emoções, não que têm expressões emocionais diferentes, aprendidas diante das mesmas condições afetivas.

Para testar esta idéia, Ekman, Lazarus e Tomita convidaram 25 estudantes de Tóquio e 25 estudantes norteamericanos a participarem de um experimento em que tinham de assistir a dois filmes, um filme neutro que mostrava cenas de turismo, e um filme estressante com cenas fortes de cirurgias ou acidentes. A explicação fictícia dada aos participantes é que se buscava verificar a influência do conteúdo dos filmes sobre respostas fisiológicas: na verdade, importava saber como mudaria a face dos estudantes diante dos filmes e eles eram filmados por uma câmera oculta enquanto assistiam.

Numa primeira parte do estudo, os videotapes da expressão facial espontânea de japoneses e americanos eram exibidos a pessoas no Japão e nos Estados Unidos. Pedia-se que adivinhassem quais videotapes tinham sido filmados durante a sessão com o filme neutro, quais durante a sessão com o filme estressante. Os resultados foram muito claros: havia uma correspondência quase que perfeita entre os julgamentos feitos por japoneses e americanos a respeito das expressões espontâneas. Não fazia diferença se um japonês ou um americano avaliasse a fita mostrando a cara de um estudante japonês ou a de um estudante americano assistindo ao filme neutro ou ao filme estressante: nem a cultura de quem julgava, nem a de quem era julgado importava e não é possível deixar de concluir que as expressões faciais de uma cultura tinham o *mesmo* sentido, na outra cultura. Esta é uma prova bastante forte a favor da hipótese universalista que atende ao quesito de serem avaliadas expressões *espontâneas*.

Na segunta parte do estudo, as mudanças musculares no rosto dos estudantes que assistiam aos filmes eram medidas através de uma técnica muito precisa elaborada por Ekman e colaboradores, o FAST (*Facial Affect Scoring Technique*). E estas medidas confirmaram os resultados da primeira parte: as expressões faciais de estudantes japoneses e americanos eram muito semelhantes entre si, seja no caso do filme neutro, seja no do filme estressante. Mas, neste caso, descobriu-se que a semelhança intercultural dependia do contexto em que o videotape facial tivesse sido gravado: se os estudantes japoneses estivessem sozinhos enquanto assistiam, sua expressão espontânea era solta e semelhante à dos estudantes americanos (Figura 6). Mas quando assistiam ao filme, *na presença de um estudante de pós-graduação* vestindo avental e atuando como figura de autoridade, então a sua expressão espontânea era controlada e mascarada por expressões positivas e se distanciava da expressão exibida pelos estudantes americanos.

Este último resultado chama a atenção para uma característica muito importante do mecanismo de controle da expressão facial, que tem a ver com o debate sobre suas origens biológicas ou culturais. Dizer que as expressões de emoções básicas são as mesmas (basicamente) em toda parte do mundo não significa dizer que não sofrem influências das práticas culturais. A questão é qualificar o *tipo* de influência. O que os estudos de Ekman e os de muitos outros pesquisadores mostram é que o padrão, a estrutura temporal básica da linguagem expressiva são os mesmos de uma cultura para outra e que também são análogos os contextos em que cada expressão tende a se manifestar: chora-se em circunstâncias tristes, ri-se de uma situação cômica, franze-se o nariz diante de cheiros nauseabundos em qualquer lugar. O grupo social exerce, contudo, controle especificando as *regras de desempenho* de cada expressão, isto é, as condições socialmente apropriadas de sua exibição. Não se pode (não se deveria) rir durante uma circunstância solene e temos, felizmente, um controle voluntário de nossas faces, como o temos dos gestos e das palavras, que nos permite inibir ou soltar sinais faciais no momento que julgamos apropriado, com a intensidade apropriada.

Também a tese universalista não implica que, mesmo no padrão e na estrutura do gesto facial expressivo não possa haver alguma aprendizagem individual que se superponha ao padrão e à estrutura partilhados e típicos de nossa espécie. Podemos reconhecer muito bem a risada de alguém em particular e sabemos que nem todo o mundo chora do mesmo jeito e com a mesma intensidade. É interessante notar que, em mais ou menos 20 % dos casos, tanto na amostra de estudantes japoneses como na amostra de estudantes norteamericanos, não havia mudança de expressão facial durante a exibição dos filmes. O que significa isso ? Significa que há *diferenças individuais* na reatividade expressiva, algumas pessoas têm o rosto muito móvel e intensamente expressivo, outras preferem manter seu rosto constante e quase que impassível ou então usam um repertório de

movimentos musculares menores que acabam assim mesmo sendo discriminados, a partir de uma aprendizagem individual, pelas pessoas que com elas convivem.

Expressões espontâneas em crianças pequenas

Um outro teste a respeito das semelhanças/diferenças em expressões espontâneas foi efetuado com crianças pequenas. Camras e colaboradores (1992) mediram, através de outro instrumento preciso criado por Ekman para avaliar os movimentos da face, o FACS (Facial Action Coding System), as expressões faciais de bebês quando submetidos a uma restrição (desagradável) de movimento, restrição de que os pais muitas vezes têm de se valer.



FIGURA 6. Japoneses e norteamericanos têm expressões semelhantes em condições de privacidade. Em público, japoneses são mais propensos a inibir a expressão facial.

As crianças norteamericanas e japonesas exibiram as mesmas expressões faciais, um resultado difícil de ser criticado pelos defensores de um culturalismo extremo pois foi obtido com sem o recurso a questionários ou tomadas de atitude, que poderiam introduzir vieses. Houve, contudo, um efeito cultural, possivelmente relacionado às regras de desempenho vigentes nos dois países: As crianças japonesas demoravam mais do que as norteamericanas para exprimir sua emoção diante do comportamento (arbitrário ?) dos adultos.

A fisiologia subjacente

Se de fato há uma associação entre as emoções e a sua expressão facial, então se poderia também esperar que houvesse uma associação entre as expressões faciais e um substrato fisiológico semelhante ao da emoção propriamente dita. Ekman e Davidson, além da filmagem das expressões faciais de pessoas que assistiam a filmes de forte teor emocional, tomaram medidas eletroencefalográficas. Descobriram que padrões diferentes de atividade cerebral ocorriam em associação a expressões faciais diferentes. Quando os sujeitos exibiam um sorriso de Duchenne (isto é, um sorriso autêntico acompanhado da contração do músculo do olho, com a formação de “ruguinhas”) tinham um certo traçado de EEG. Tinham outro quando manifestam nojo em seu rosto. A expressão facial faz, portanto, continuidade com a “sacudida fisiológica” que é típica do

fenômeno emocional e pode ser vista como parte de um repertório de reação a aspectos significativos do ambiente, próprio do ser humano.

Em conclusão

O que tirar desta discussão ? Em primeiro lugar, que o conhecimento científico é uma construção que se dá em torno de hipóteses discrepantes, o conflito de resultados e interpretações servindo de incentivo para um melhor exame do que acontece e do que pode, com uma certa confiança, ser previsto. Em segundo lugar, que há bases mais do que razoáveis para pensar que emoções específicas estejam associadas a expressões faciais também específicas e que essas expressões compõem um repertório de sinais que é próprio da espécie humana. Isto não significa que a expressão emocional não sofra efeitos controladores e modeladores seja ao nível do indivíduo, seja ao do grupo cultural. Uma expressão emocional poderá não ser manifestada, mesmo que esteja presente a emoção, uma vez que inibições, a partir das regras de desempenho, podem tolhê-la na sua raiz. Também poderá surgir uma expressão sem que esteja presente a emoção que lhe é normalmente associada, pois podemos muito bem controlar aspectos dos movimentos de nossos músculos faciais e podemos "construir" sorrisos e expressões de pesar quando necessário (note-se, contudo, que sorrisos e pesares construídos diferem, na minúcia motora, das expresssões espontâneas). Um sistema de sinais destes provavelmente seja fruto da evolução de nossos mecanismos de interação social: é útil e adaptativo para quem está emocionado que a sua emoção transpareça de alguma maneira em seu rosto e é também útil e adaptativo poder ler, no rosto dos outros, a emoção que sentem. A enganação ou o disfarce ou a padronização fazem parte do jogo.

Não temos ainda certeza quanto a quantas expressões são universais em correspondência a cada emoção particular. Sabemos que às vezes, várias expressões estão associadas à mesma emoção, como por exemplo

no caso das versões de boca aberta e fechada da raiva e do nojo ou no caso das variações na intensidade com a qual cada expressão se manifesta. Não sabemos exatamente quantas emoções têm expressão universal (além da alegrias, da raiva, da tristeza, do nojo e do medo/surpresa), houve até controvérsia a respeito de incluir a emoção do desprezo como uma emoção que se traduz por sinais transculturais e os autores diferem quanto ao rol de emoções consideradas *básicas*.

Ainda temos muita pesquisa pela frente, mas podemos já dizer que os músculos da face possuem uma linguagem universal e que, mais uma vez, Darwin está com a razão.